



APRESENTAÇÃO

Este número da revista Organon, dedicado a estudos em fonologia e morfologia, pretende ser uma amostra das pesquisas que vêm sendo desenvolvidas nesta área na UFRGS. Para tanto, colaboraram professores e alunos do Programa de Pós-Graduação desta universidade bem como pesquisadores de reconhecida produção científica em âmbito nacional. As temáticas abordadas refletem a produção desenvolvida na Linha de Pesquisa em Fonologia e Morfologia do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS e envolvem a descrição de aspectos da língua portuguesa falada no Brasil, como – entre outros – processos de sândi, de ressilabação de consoantes, de harmonia vocálica, questões relacionadas à estrutura fonotática e acentual da língua, formação de palavras, bem como a discussão sobre abordagens teóricas e, associada a esta, a discussão sobre a formalização dos fenômenos tratados, sobre as representações fonológicas e morfológicas e os diferentes níveis de representação e sobre as exigências que operam sobre cada um destes níveis e as relações que se estabelecem entre eles.

Questões relacionadas à sílaba e seus subconstituintes são abordadas nos artigos de Alves e de Telles.

Questões relacionadas ao acento são tratadas no artigo de Tenani, no que se refere ao papel do acento frasal em português, de Bonilha, quanto às restrições que determinam a localização do acento primário nesta língua, e de Quednau e Blanco, no que diz respeito ao acento em combinações com partículas enclíticas em latim.

Questões relacionadas à Fonologia Prosódica, ou seja, à interpretação fonológica das estruturas geradas pelo componente morfossintático, são tratadas nos artigos de Tenani, de Battisti e de Schwindt .

Temas da aquisição da linguagem são trazidos por Alves, especialmente no que se refere à aquisição de segunda língua.

A variação lingüística e a mudança encontram espaço nos artigos de Costa, de Brescancini e de Collischonn e Schwindt.

Apresentamos, a seguir cada um dos artigos do núcleo temático.

O artigo de Luciani Tenani – baseado em tese de doutorado defendida na Universidade Estadual de Campinas - parte de uma análise minuciosa dos contextos acentuais que bloqueiam os processos de sândi vocálico no português brasileiro – especificamente degeminação e elisão - e compara os resultados à análise empreendida por Frota (1998) para o português europeu. A análise revela semelhanças mas também diferenças significativas na organização rítmica entre as duas variedades. No português brasileiro, o acento em nível de frase fonológica tem papel bloqueador nos processos de sândi analisados e estes resultados dão evidência para o papel da frase fonológica nesta variedade.

Também no contexto dos trabalhos voltados para a fonologia em nível de frase está o artigo de Elisa Battisti. A autora estuda a haplologia em fronteiras de palavras - isto é, a ocorrência de apagamentos maiores do que o segmento (caldo de



cana > cal de cana) - nos dados do Projeto VARSUL e coloca a questão se esse tipo de fenômeno deve ser entendido, no âmbito de uma perspectiva baseada em restrições, como coalescência, isto é, fusão entre duas seqüências fonológicas adjacentes ou como apagamento de uma ou de outra seqüência. A autora apresenta razões para considerar-se a haplologia como um caso de apagamento. A análise discute propostas recentes dentro da Teoria da Otimidade, como as de de Lacy (1999) e de Gouskova (2003).

O artigo de Giovana Bonilha, parte de sua tese de doutorado defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, faz uma nova proposta quanto à atribuição do acento em português numa perspectiva teórica baseada em restrições e traz – a partir de um experimento realizado com dois indivíduos – um conjunto de evidências sobre o conhecimento que o falante do português tem a respeito do acento de sua língua. Partindo de uma alternativa de análise para o acento apresentada em Lee (2002) - e baseada na proposta de Bisol (1992) -, a autora entende que o peso silábico tenha papel na atribuição de acento. Entretanto, em sua análise, não somente sílabas fechadas em consoante são consideradas pesadas em português, mas também sílabas que contenham vogais médias baixas (a partir de proposta de Kenstowicz, 1994, 1997). Além disso, considera também que vogais altas, como i ou u, sejam refratárias à posição fraca de um pé. Defende-se a superioridade da análise em relação à de Lee (2002), por não ser necessária a proposição de duas hierarquias distintas.

O artigo de Ubiratã Kikhöfel Alves, resumo de sua dissertação de mestrado defendida na Universidade Católica de Pelotas, aborda a questão da aquisição de uma língua estrangeira na perspectiva da Teoria da Otimidade. Analisando dados sobre a aquisição por falantes nativos do português de formas de verbos no passado, tais como *robbed* e *lived*, mostra que é possível explicar sua aquisição de acordo com a proposta de Tesar e Smolensky (1996, 2000), segundo a qual a aquisição é implementada através da demissão de restrições a partir de uma hierarquia que caracteriza o estágio inicial. No estudo em questão, a análise parte de uma hierarquia inicial que caracteriza a estrutura silábica da língua portuguesa, a qual explica a ocorrência de inserções e apagamentos indevidos nos estágios iniciais. A aquisição de outputs da língua estrangeira demanda, portanto, a demissão de determinadas restrições altamente posicionadas nessa hierarquia inicial. Entretanto, o autor observa que nem todas as realizações indevidas de outputs podem ser explicadas dessa forma e defende que, em casos como *missed*, pode estar atuando também outro fator, além da hierarquia da língua materna: a forma escrita, que determina a estrutura do *input*.

Voltado para os estudos de variação fonológica, o artigo de Collischonn e Schwindt retoma a elevação variável das vogais médias pretônicas no português do sul do Brasil, focalizando especificamente o fenômeno em verbos. Baseados em novas análises, através do programa VARBRUL, de dados coletados por Schwindt (1995), os autores constataam que a elevação parece ser condicionada pela classe



morfológica e pelo tipo de morfema no qual se encontra a vogal alta gatilho da elevação. Esses resultados são discutidos em relação à distinção entre processos de tipo neogramático e difusionista.

Também o trabalho de Cristine Ferreira Costa, baseado na dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, se volta para a questão do caráter neogramático ou difusionista de determinado fenômeno variável (Labov, 1981, 1994; Kiparsky, 1988); no caso, o de vocalização do /l/ pós-vocálico. O fenômeno é primeiramente analisado quanto à sua representação, e a autora adota a proposta de Walsh (1997) de que a lateral seja caracterizada por dois pontos de articulação: o coronal e o dorsal. Esse pressuposto representacional permite entender o fenômeno da vocalização como um processo natural, prescindindo da interpretação como processo 'telescópico', ou seja, em que a perda de um estágio intermediário no percurso de mudança resultou em obscurecimento da naturalidade fonética do fenômeno. A seguir, no que se refere ao tipo neogramático ou difusionista, partindo de resultados estatísticos da amostra de Porto Alegre (do Projeto VARSUL) e em outras informações, tais como o ordenamento em relação a outras regras da fonologia do português e resultados de um teste de percepção aplicado a falantes desta variedade, a autora defende que o fenômeno tem de ser considerado como pós-lexical/neogramático.

O artigo de Cláudia Brescancini aborda a variação da fricativa coronal em coda em comunidades da ilha de Florianópolis - Florianópolis (centro urbano), Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa - e traz alguns questionamentos sobre o papel que dimensões lingüísticas desempenham no condicionamento desta variação. Embora a variante predominante na região analisada seja a palato-alveolar ([ʃ,ʒ]), encontra-se também realização da fricativa como segmento glotal ou laríngeo ([h]). A análise dos contextos lingüísticos favorecedores desta segunda variante é feita à luz de teorias sobre a sílaba e sobre o contato silábico, como Hooper (1976) e Clements (1990).

Luciana Pilatti Telles, em seu artigo, que é uma versão da dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, faz um estudo autessegmental da geminada do italiano, considerando-a como uma estrutura com ligação dupla, isto é, dois segmentos ligados pelo mesmo conjunto de traços distintivos. A autora defende que as geminadas estão assim representadas na subjacência e traz argumentos da estrutura fonotática e acentual da língua para sustentar a sua análise.

O artigo de Quednau e Blanco trata do comportamento do acento em combinações com partículas enclíticas em latim, utilizando como *corpus* os poemas de Horácio e Marcial. A atribuição de acento é tratada à luz da Fonologia Métrica, cujos pressupostos auxiliam as autoras a demonstrar que a incidência do acento em combinações com enclíticas depende da quantidade (ou peso) da sílaba que imediatamente precede a enclítica e também que há possibilidade de se analisar o acento em latim através de dois tipos de pés métricos, troqueu mórico e troqueu



irregular, o segundo dos quais é defendido pelas autoras como o mais adequado.

O artigo de Nicolau e Lee apresenta um percurso do estudo da morfologia desde a Antigüidade Clássica até às versões mais recentes da Gramática Gerativa, buscando responder à pergunta sobre o estatuto da morfologia na tradição gramatical e nos estudos lingüísticos propriamente ditos. Enriquece a exposição a ilustração com exemplos de formação de palavras simples e compostas no português brasileiro, acompanhada de discussão sobre as diferenças entre flexão e derivação e sobre o tratamento dessas questões nas distintas abordagens apresentadas.

O artigo de Luiz Carlos Schwindt retoma a análise apresentada em Schwindt (2001) sobre a distinção entre prefixos composicionais e prefixos legítimos e se detém nestes últimos para discutir a relação entre transparência, produtividade e estrutura fonológica desse tipo de prefixo. Partindo da distinção proposta em Basílio (1980) entre Regras de Análise Estrutural (RAEs) e Regras de Formação de Palavras (RFPs), o autor defende que a noção de transparência não se confunde com a noção de produtividade: há prefixos não-produtivos que, mesmo assim, são transparentes para o falante. Assim, a análise que apresenta de prefixos transparentes do português e do espanhol distingue-se das propostas de Peperkamp (1997) e de Vigário (2001, 2003) para as quais somente podem ter independência prosódica aqueles prefixos que são produtivos. Finalmente, apresenta-se a distribuição desses prefixos no léxico, dentro de uma perspectiva da Morfologia e Fonologia Lexical (Kiparsky, 1985).

Já não era sem tempo que um número da revista Organon se voltasse para os estudos de fonologia e morfologia. Foi na UFRGS que muitos de nós fomos apresentados à Fonologia e à Morfologia, graças a professores como Leda Bisol e Celso Pedro Luft. Especialmente a professora Leda, hoje docente da PUCRS, continua sendo indiscutível inspiradora dos trabalhos apresentados, o que se deve não somente ao fato de ter realizado pesquisas relacionadas à maior parte dos temas aqui abordados, tais como acento, representação complexa de segmentos, sândi e constituintes prosódicos, entre outros, mas também por ter fundado o Projeto VARSUL, sem dúvida um dos mais representativos bancos de dados de língua falada do português do Brasil.

Gostaríamos de registrar o nosso agradecimento a cada um dos autores pela pronta resposta ao nosso convite e pela boa vontade demonstrada no envio dos textos e na revisão dos originais. A organização de um número temático propiciou a oportunidade de discutir estes trabalhos, muitos dos quais continuam em desenvolvimento. Esperamos que novas oportunidades surjam para que possamos acompanhar o desenvolvimento da ciência da linguagem, no que diz respeito às áreas de fonologia e morfologia, no Brasil.

Gisela Collischonn e Valéria Monaretto
Organizadoras